

Sarney vê voto distrital como solução

Da sucursal de
BRASÍLIA

Animado com manifestações favoráveis ao voto distrital, de parte do presidente Geisel, em Rio Preto, e do secretário-geral da Arena, deputado Nelson Marchezan, o vice-líder do governo, senador José Sarney (Arena-MA), voltou a preconizar sua adoção, vendo nele "única solução para assegurar uma democracia baseada na pluralidade dos partidos políticos". O ex-governador do Maranhão acha que a extinção do voto de legenda "não resolve absolutamente o problema, uma vez que nós temos que marchar é para a eleição distrital".

Para José Sarney, "sem o voto distrital, jamais teremos partidos fortes. A debilidade dos nossos partidos é consequência do voto proporcional" Ele assinala que "a experiência tem mostrado que a disputa travada pelo voto proporcional, entre candidatos do mesmo partido, é muito maior que a que deve ser travada entre os partidos. Porque, com o voto proporcional, o adversário não está fora, e sim dentro do próprio partido, o que não favorece a divulgação do programa nem dos ideais da agremiação, de vez que todos se encontram engajados numa batalha interna".

Para o vice-líder do governo, "a base da democracia é o partido político. Com o voto proporcional, tal como o praticamos é impossível ter partidos". No seu entender "o voto proporcional, onde é exercido, encontra sua força na ideologia; e, como já tive oportunidade de acentuar, nenhuma democracia, nos moldes das existentes no mundo ocidental, pode assentar-se em partidos ideológicos. Até mesmo porque o grande fenômeno político da atualidade reside no fim das ideologias, pela convergência dos sistemas políticos que se confrontam no mundo".

DIALOGO

Por uma vez, o presidente do Senado, Petrônio Portella, mais uma vez não recebeu ontem os jornalistas credenciados junto ao Congresso. Parlamentares a ele ligados interpretam seu distanciamento da imprensa menos como indicação de sua irritação pessoal com algumas críticas à sua missão e mais como decorrente da paralisação do chamado diálogo com setores do MDB, do clero, da OAB, dos trabalhadores e líderes empresariais. Assim, Portella estaria, simplesmente, sem novas personalidades a auscultar e sem qualquer novidade a oferecer. Daí seu estratégico silêncio.